



**AS IDENTIDADES ASSIMILADAS, POR MEIO, da colonialidade notas
de narrativas do Pensamento Descolonial**

**ASSIMILATED IDENTITIES, THROUGH, coloniality notes on narratives
from Descolonial Thought**

**IDENTIDADES ASIMILADAS, A TRAVÉS, de la colonialidad apuntes
sobre las narrativas del Pensamiento Descolonial**

Ancel Afonso Quaresma Ajupate¹ & Gabriel Ambrósio²

Resumo: Pretendemos trazer uma abordagem sobre o assunto que nos incomodam, que muitas das vezes, debatemos em situações (in) formais dos nossos lócus- geoistórico, Guiné-Bissau, Angola, a partir do Brasil onde durante anos passamos as nossas vidas acadêmicas e sociais, que contemplam nossos *bios*. As nossas vidas são premiadas por leituras, reflexões teóricas sobre as identidades pós-coloniais e colonialidade. O artigo é um desafio sobre as nossas inquietações perante o imaginário social do sujeito colonial, neste caso, fazendo alusão a dois países; Angola e Guiné-Bissau. Refletimos a partir do Brasil que é também um país colonizado, e as identidades assimiladas por meio da colonialidade é nosso arquivo que abriremos entre outras janelas reflexivas, sobretudo, a religião, educação e a colonização epistêmica que serve de subsídios para ilustrar nosso pensamento.

Palavras- Chave: Decolonialidade; reflexões imaginárias; bios; lócus geoistórico, colonialidade.

¹ Mestre pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: ancelquaresma@gmail.com.

² Mestre pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: ambrosionuni@gmail.com.

Abstract: We intend to bring an approach on the subject that bothers us, that many of the times, we debate in (in) formal situations of our geo-historical locus, Guinea-Bissau, Angola, from Brazil where for years we spent our academic and social lives, which contemplate our bios. Our lives are rewarded by readings, theoretical reflections on post-colonial identities and coloniality. The article is a challenge about our restlessness before the social imaginary of the colonial subject, in this case alluding to two countries; Angola and Guinea-Bissau. We reflect from Brazil, which is also a colonized country, and the identities assimilated by means of coloniality is our archive that we will open among other reflective windows, especially religion, education and the epistemic colonization that serves as subsidies to illustrate our thought.

Keywords: Decoloniality; imaginary reflections; bios; geohistorical locus, coloniality.

Resumen: Pretendemos aportar un enfoque sobre el tema que nos preocupa, que muchas de las veces, debatimos en (en) situaciones formales de nuestro locus geo-histórico, Guinea-Bissau, Angola, desde Brasil donde durante años pasamos nuestra vida académica y social, que contemplan nuestras bios. Nuestras vidas se ven recompensadas por las lecturas, las reflexiones teóricas sobre las identidades poscoloniales y la colonialidad. El artículo es un desafío sobre nuestra inquietud ante el imaginario social del sujeto colonial, en este caso, aludiendo a dos países; Angola y Guinea-Bissau. Reflexionamos desde Brasil, que también es un país colonizado, y las identidades asimiladas por medio de la colonialidad es nuestro archivo que abriremos entre otras ventanas reflexivas, especialmente la religión, la educación y la colonización epistémica que sirven de subsidios para ilustrar nuestro pensamiento.

Palabras clave: Decolonialidad; reflexiones imaginarias; bios; locus geohistórico, colonialidad.

INTRODUÇÃO

Ainda não desaprendi as tolices esotéricas e pseudo- intelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita.

ANZALDÚA. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo, p. 229.

A influência da escola é inegável para todos os colonizados. Primeiro, é preciso seguir o padrão da escrita em si, segundo, reproduzir o que foi pensado no Norte global. Para isso, pensar os países com a herança da assimilação tem sido um desafio para a geração de jovens pesquisadores oriunda das ex- colônias

portuguesas? Assim como as comunidades invadidas culturalmente pela violência militar, religiosa e epistêmica que os colonizadores impuseram e naturalizaram que não seguimos sem antes repensar e criticar. Aliás, as visões ideológicas políticas contemporaneamente assumidas na pós-independência, não fizeram sentir a nossa cosmovisão epistêmica do pensamento começando pela fé. O teórico latino-americano Ramón Grosfoguel (2020) Em “Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada”, evidencia a hierarquia até na religião. A cultura ocidental foi construída com base vertical e não horizontal. Como eram muitas culturas antes do contato com essa cultura ocidental, por isso, para nós a fé não se trata de vinculação a uma denominação religiosa. Contudo, quando pensamos e defendemos o modelo religioso imposto até na forma de reza é mais complexo. Essa visão religiosa que se propaga nas comunidades africanas, e suas intolerâncias que nos preocupam. Como a educação dos nossos países não conseguiu recriar-se? Quem são os livros sagrados? Os livros clássicos de teóricos da educação para trazer um exemplo dessas evidências da colonialidade conforme Anderson Ribeiro Oliva (2020) em *Lições sobre África: colonialismo e racismo nas representações sobre África e os africanos nos manuais de História*, há toda necessidade de pensar não só o material para o ensino, mas a língua do ensino também. Estas epistemologias ocidentais negam a contribuição dos lugares que sofreram a violência colonial que são vistos como subalternos. Igualmente, epistemologias não conhecidas ou entendidas de forma errônea pelos ‘imperialistas’. Reproduzem mais os estereótipos por meio da colonização que as universidades que operam no viés ocidental. No entanto, é imperativo nos sujeitos que sofreram as violências coloniais, trazemos a obrigação de produzir pensamento decolonial da maneira que possibilita um mundo pluriversal de saberes.

Como o eurocentrismo através da educação tem se reproduzido de forma que os rastros da ocidentalização. Grosfoguel (2020) adianta a crise civilizatória está enraizada, mas vai desmoronar a força da hegemonia eurocêntrica. O escritor guineense Marcelo Aratum (2013) num dos romances *As Lágrimas de uma mulher: os culpados*, que, entretanto, critica a visão educacional sem contextualização da realidade dos países colonizados por Portugal. Nós temos evidência dessa educação que aqui estamos nos referindo, pois um de nós teve a experiência na Guiné-Bissau e outro em Angola. Os nossos *bios* confirmam a identidade educacional ocidentalizada. Para analisar essas nossas histórias por meio do giro decolonial reflexivo, o intelectual Nelson Maldonado-Torres (2020)

em “Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas reflexões básicas” auxiliam-nos nas reflexões sobre essas realidades vividas pelos sujeitos. Mas poderíamos dialogar as educações anteriores da colonialidade, esse e outros assuntos que iremos refletir de forma matemática sem presença de números.

Pensamos este artigo a partir de figura geométrica que é triângulo que espelhará nossa reflexão de Guiné-Bissau, Angola e Brasil, estes *locus geoistórico* influenciaram o nosso pensar. As identidades assimiladas por meio da colonialidade e com as notas de narrativas do pensamento da decolonialidade perceberam que esta assimilação por intermédio das experiências vividas e também nas pesquisas acadêmicas nas instituições superiores de ensino no Brasil entendeu que o mundo acadêmico navega mais no mundo ocidental. Sabemos também que nossos programas de ensino refletem esta influência da epistemologia ocidental.

Nossos discursos críticos biográficos a partir do hemisfério Sul, sendo sujeitos fronteiriços somos obrigados a falar de nós por meio de escritos. Pois, a cultura da escrita é que predomina no fazer científico no ocidente. Entretanto, nos nossos *locus geoistórico* ainda prevalecem à produção de saberes pela via oral, preservando-se a memória coletiva/individual. As nossas vivências e experiências, compreendemos que os conhecimentos se manifestam nos corpos, nos espaços onde a comunidade se junta e partilha entre si e com os outros. Grosfoguel (2020) traz uma reflexão teórica sobre a civilização ocidentalizada. E outro pesquisador teórico argentino afirma que:

O pensamento crítico de fronteira é a resposta epistêmica do subalterno ao projeto eurocêntrico da modernidade. Ao invés de rejeitar a modernidade para se recolheram num absolutismo fundamentalista, as epistemologias de fronteira subsumem/ redefine a retórica emancipatória da modernidade a partir das cosmologias e epistemologias das subalternas localidades no lado oprimido e explorado da diferença colonial, rumo a uma luta de libertação descolonial, em prol de um mundo capaz de superar a modernidade eurocentrada. (MIGNOLO, 2015, p. 187).

Nós, sujeitos que fomos atingidos pela colonialidade estamos repensando a epistemologia eurocêntrica, para rejeitar essa assimilação voluntária e reafirmarmos a partir das cosmologias considerados periféricas – Guiné Bissau, Angola. Angola e Guiné-Bissau têm línguas e suas visões epistemológicas silenciadas, apagadas pelo poder colonial. Portanto, a modernidade ocidental é reforço daquilo que Boaventura Sousa Santos (2009) diz “o pensamento ocidental é abissal” a epistemologia ocidental demonizam ou minam os lugares que

sofreram a colonização, por meio dos teoremas euro-norte-americano e também as universidades que pautam pelo ensino das teorias ocidental que reflete o imaginário social do sujeito colonizado assim, como do sujeito colonizador, através das teorias fantasmagóricas sobre os lugares que sofreram a violência colonial. Trazendo aqui, o intelectual argentino Mignolo (2015, 2017) que diz “modernidade não contempla os sujeitos que sofreram a violência colonial” é jogada para continuar subjugar condenados desta planta como que não contribuíram para o avanço da humanidade.

Retomando o título instigante as identidades assimiladas por meio da colonialidade, vêm logo em nossas cabeças um episódio do ministro de interior da Guiné-Bissau num evento de juramento de novos militantes, ao usar da palavra fê-lo em Português e gaguejou como uma criança que começou a aprender a ler. Isso mostra forte a colonialidade linguística no país, falar a língua portuguesa, ou seja, língua imposta ou hegemônica é visto como a civilidade, por isso o ministro tentou entrar neste pacote visto como a civilidade ao fazer seu discurso em língua portuguesa. Poderia ter usado a língua guineense que ele falada no dia a dia. Contudo, quando pensamos no contexto da Guiné-Bissau e Angola é perceptível que a língua portuguesa para sujeitos coloniais é língua de prestígio social. Por isso, que muitos se envergonham, quando perguntam “você não sabe falar português?” E tem vergonha de afirmar que não sabe, pois é a maneira de ser visto como *gintiu* (incivilizado).

Além do termo *gintiu* na língua guineense, por exemplo, na língua kikongo fala-se *mwana futa* (como não sendo assimilado, não é da cidade). Ou seja, atrasado no imaginário colonial reinante. Nós falamos sem medo, pois nas nossas narrativas essa civilização fez muito no apagamento ou extermínio da língua-*Linguicídio*. Mas ainda assim, há reexistência junto dos sujeitos na contemporaneidade.

Acrescentando, por exemplo, no capítulo do livro com título “A colonialidade nos domínios da linguagem”, organizado pelo professor Edgar César Nolasco, nele, eu afirmo que: “A minha pátria é a minha língua materna, está dentro de mim em todos os lugares que passo, é perceptível essa marca (in) pagável que está dentro do meu corpo” (AJUPATE, 2019, p. 123). Ao verificamos a citação anterior nos sentimos contemplados com nossas línguas maternas que foram silenciadas pela violência colonial/ linguística, em que o português é a língua de ensino e oficial. Lembramos os silenciamentos ocorridos durante as

aulas de língua portuguesa, com receio de errar e também por não termos fluência nesta língua. Essa imposição colonial linguística tem sido usada no ensino formal, desprestigiando as línguas maternas, por exemplo, o Mandjako, na Guiné-Bissau e o Kikongo na Angola. Ambas as línguas maternas dos autores deste artigo, sendo Mandjako a língua materna de Ajupate, pertencente ao lócus Guiné-Bissau. E Ambrósio, tem o kikongo como a primeira³ língua de sentir, falar, ver, entender os sinais da natureza e das primeiras contemplações no meio sociocultural.

O intelectual uruguaio Hugo Achugar, no seu livro *Planetas sem boca*, afirma que: “O sujeito social pensa, ou produz conhecimento, a partir de sua ‘história local’ a partir do modo que ‘lê’ ou ‘vive’ a ‘história local’ em virtude de suas obsessões e do horizonte ideológico em que está situado”. (ACHUGAR, 2006, p. 29). Compreendemos que o conhecimento está em qualquer lugar e em qualquer que seja e os sujeitos que ali se encontram são detentores e produtores desses saberes. Não como o pensamento ocidental vem afirmando através das suas teorias que os lugares colonizados não contribuíram para a evolução da humanidade, o que ouve com a invasão dos europeus aos outros continentes principalmente o continente africano é *epistemicídio* que é distribuições dos elementos ou fontes que registra pensamento ou a civilização destes povos, para depois vieram com suas teorias que estes lugares não contribuíram para evolução da humanidade. Nesta ótica o pensamento decolonial veio para reconstruir e reencontrar as memórias apagadas e silenciadas, por isso Ambrósio e Ajupate vemos a necessidade de produzir o pensar neste viés de decolonialidade, pois, somos sujeitos que sofreram a violência colonial. Destruir essa violência dentro de nós é legítimo conforme Fanon afirma em *Os condenados da Terra* (2010). O processo descolonial de desnaturalizar assimilação, as narrativas criadas sobre o poder colonial que envolve essa nossa compreensão.

No dia 07 de junho de 2021, assistimos a um episódio muito lamentável do reforço da violência colonial/linguística e que muitas vezes as instituições do Estado naturalizam estas violências coloniais. Um exemplo dessa violência

³ Cf. No livro com título de *Áfricas Ocultas* (2015) Ambrósio tratou dessa questão com mais ênfase.

ocorreu em República da Guiné-Konacry, um Imame⁴ líder religioso do islã foi condenada a 12 meses de prisão por rezarem com os fiéis na sua própria língua local *maliké* é não no árabe como é de costume da reza, e obrigaram-lhe a pagar 1000 mil francos Guiné cerca de 150 euros. Isso é a continuação gritante da violência colonial, além do sujeito ser trancado por causa da sua religião local e também é proibida a utilização da sua própria língua. Por isso, que escolhemos estes desafios às identidades assimiladas por meio da colonialidade este fato mostra a continuação do silenciamento dos sujeitos colonizados, o Estado que deveria ser defensor do cidadão é um conivente com esta violência colonial. Entretanto vale a pena pensar no livro do intelectual argentino Achugar (2006) não existe língua inferior à outra, todas elas produzem o saber e Achugar afirma que:

Quem não os escuta? Os outros falam, na realidade sempre se pode dizer que há um Outro que nos fala é que, por sua vez, o Outro fala em Outros. O Centro os múltiplos centros fazem falar por sua vez, a periferia, a margem enquanto situacional torna-se centro para outros e periferias e as fez falar (ACHUGAR, 2006, p. 20).

Assim, os ditos centros hegemônicos silenciam os ditos lugares periféricos por meio de teoremas filosóficos, antropológicos, afirmam a falsa superioridade em relação aos outros. Logo, sentimos a necessidade e obrigação de refletir criticamente a partir dos nossos *bios lócus geoistórico* a importância de desnaturalizar as narrativas e, conseqüentemente, decoloniar o pensamento, sendo os lugares colonizados sofreram e continuam a sofrer “epistemicídios”. Por isso, devemos falar de nós, mostrando que humanidade não universal como vem afirmando as teorias ocidentais, mas, sim, o mundo é pluriversal de saberes que esta pluriversalidade de saberes proporciona encontro de saberes que proporcionam mais humanidade e não desumanização dos Outros. De acordo com Bessa- Oliveira.

Quando atentarmos à consciência das diferenças coloniais os lugares, quando tomamos consciência da condição colonial que nos afora impostos pelos projetos da globalização de mundo ou ainda, quando assumimos a consciência da colonialidade

⁴ Imã (Imame) nome dado a quem está coordenando a oração. O Imã é um iluminado que deve guiar todo o mundo islâmico em assuntos religiosos e seculares na região. Conforme a imprensa noticiosa [partilhada no facebook](https://www.facebook.com/cyrille.olou/videos/3241178419442408) <<https://www.facebook.com/cyrille.olou/videos/3241178419442408>> acesso em 28 de junho de 2021.

do poder a que cada um desses múltiplos lugares subalternos está exposto na contemporaneidade (BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 79).

É exatamente importante à consciência da condição colonial é o primeiro passo para desobediência epistêmica e também desnaturalizar as narrativas, como caminho para mostrar que o mundo é pluriversal de saberes. Não devemos aceitar essa dualidade imposta pelo mundo ocidental de inferior/ superior.

Fanon no seu livro *Pele negra, máscaras brancas* no seu primeiro capítulo, o negro e a linguagem afirma que: “falar uma língua e assumir um mundo, uma cultura” (FANON, 2008, p. 50). A cultura é parte de cada sujeito que aprende, pensa e sente a mesma visão a partir da sua experiência. Quando somos ensinados na língua portuguesa sem utilizar a primeira língua é parte da imposição da colonialidade.

É sempre importante questionar. Qual é a cultura na educação dos nossos países? Essa cultura dá conta de conceituar *dokolo*, na região do Tomboko-Angola, que não é um rio, mas uma espécie de lagoa forjada para construção de casas. Nesse espaço aprendi a nadar sem usar sequer uma piscina, um rio. A memória do *dokolo* foi um aprendizado no *locus* e *bios* do corpo e mente desse sujeito- Muntu.

58

NOTAS decolonialidade

Partimos de vários teóricos da América Latina para repensar os modos da colonialidade nos dois países, por ser parte destes sujeitos que estão escrevendo. Retomando a epigrafe da abertura de grande pensadora chicana mexicana-estadunidense Glória Anzaldúa, nos que sofremos a violência colonial temos a necessidade continua de produzir saberes/ desobediência epistêmica com o intuito desnaturalizar as narrativas e que caminha no viés do pensamento decolonial que nos representa. Nascemos num ambiente colonial nessa ótica à tomada da consciência dessa situação, proporciona a decolonialidade que é o caminho para sairmos da complexidade, assimilação acompanha com um sistema de ensino que reflete a nossa *multiculturalidade* e que proporciona um mundo pluriversal de saberes. A urgência da crítica é uma necessidade para o contexto contemporâneo no Brasil e nos países africanos exemplificados nesse artigo.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem Boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

AJUPATE, Afonso, Quaresma, Ancel. Colonialidade nos domínios da linguagem. In_ *EXTERIORIDADE DE SABERES: NECC 10 ANOS*. (Org.) NOLASCO, Edgar C. Campinas, SP: pontes Ed. 2019.

ANZALDUA, Glória. *Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo*. 2000.

ARATUM, Marcelo. *As lágrimas de uma mulher: os culpados*. Goiânia, Editora Kelps, 2013.

BESSA-OLIVEIRA, Antônio, Marcos. Quando a história da arte não dá mais conta da arte. In: *Exterioridade Dos Saberes: Necc 10 Anos*. (Org.) NOLASCO, Edgar C. Campinas, SP: Pontes Ed.2019.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Editora UFJF. 2005. Tradução de Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Minas Gerais. 1ª reimpressão, em 2010.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA. 2008.

GROSFOQUEL, Ramón. “Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada”. in _ COSTA-BERNARDINO, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSFOQUEL, Ramón. (Orgs). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2ª edi. ; 3. Reimp.—Belo Horizonte:Autêntica, 2020. (coleção cultura negra e identidades) (p. 55-77).

MALDONADO-TORRES, Nelson. “Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas”. In: COSTA-BERNARDINO, Joaze, MALDONADO-TORRES, Nelson, GROSFOQUEL, Ramón. (Orgs). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2ª edi. ; 3. Reimp.—Belo Horizonte:Autêntica, 2020. (coleção cultura negra e identidades). p. 27-53.

MIGNOLO, Walter D. *Habitar la fronteira: Sentir y pensar la colonialidad* (antologia, 1999-2004).Barcelona: CIDOB Y UACI, 2015.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. In. **Epistemologia do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), PP. 12-32, 2017.

OLIVA, Anderson Ribeiro. *Lições sobre a África: colonialismo e racismo nas representações sobre África e os africanos nos manuais escolares de história em Portugal (1990-2005)*. 1ª Ed. Curitiba: Appris, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Em para além do pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. SANTOS, Boaventura Sousa e MENESES, Maria Paula. *Orgs.* In: *Epistemologias do Sul*. (CES) editora Almedina, Coimbra, 2009.

Artigo Recebido em: 11 de fevereiro de 2021.

Artigo Aprovado em: 03 de junho de 2021.

